

4

ESEG investigação

Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

nº4 | 2º semestre | 2007

*Edição especial 20 anos
Volume I*

ESEG INVESTIGAÇÃO

**Revista Científica
da
Escola Superior de Educação da Guarda**

N.º 4 | 2º Semestre | 2007

Título: ESEG Investigação

Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

Edição Especial, Volume I

Coordenação Editorial: Joaquim Manuel Fernandes Brigas

Coordenador Científico: Júlio Pinheiro

Comissão Científica: Professores Coordenadores e Doutores da ESEG

Edição: Escola Superior de Educação da Guarda

Capa: Humberto Pinto

Coordenação Gráfica: Maria de Fátima Bartolomeu da Cruz Gonçalves

Colaboração: Jandira Medina

Tipografia: Marques & Pereira (Guarda)

Depósito Legal: 220917/04

ISSN: 1646-1193

Tiragem: 2000 exemplares

1ª Edição: 2º Semestre | 2007

Escola Superior de Educação da Guarda

Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, n.º 50 * 6300-559 Guarda * Telefone: 271 220 135 * Fax: 271 222 325 * www.ese.ippg.pt

Os artigos são da responsabilidade dos respectivos autores e são apresentados exactamente como foram entregues na redacção.

Reservados todos os direitos. Esta publicação, não pode ser reproduzida ou transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo, electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem autorização do Editor.

Índice

Nota de Abertura <i>Joaquim Brigas</i>	7
Prefácio <i>Júlio Pinheiro</i>	9
“As palavras ainda se apagam diante do invisível” Rainer Maria Rilke e Cecília Meireles: notas de investigação <i>Maria José Craveiro</i>	17
Renan e Eça de Queirós <i>Vie de Jesus e A Relíquia</i> <i>Júlio Pinheiro</i>	33
Ensaio sobre a Cegueira ou a metáfora do mundo em que vivemos <i>Ricardo Antunes</i>	49
Ricardo Reis: o mais clássico dos heterónimos de Fernando Pessoa <i>Mário Meleiro</i>	69
Fernando Pessoa e o Iberismo <i>José Luís Lima Garcia</i>	81
A imprensa regional ao serviço de uma causa: o jornal <i>A Guarda</i> e o processo de acolhimento dos “retornados” <i>Nelson Oliveira</i>	87
O uso das fontes na imprensa generalista <i>Regina Gouveia</i>	113
Análise do “uso de recursos” nos manuais escolares portugueses e moçambicanos <i>Rosa Branca Tracana, Cláudia Ferreira, Maria Eduarda Ferreira & Graça S. Carvalho</i>	133

Actividades lúdico-motoras praticadas em meio rural por crianças do 1º ciclo do Ensino Básico. Mudanças verificadas entre 1992 e 2007	149
<i>Mário Cameira Serra & Nuno Serra</i>	
<hr/>	
El Juego como medio transmisor de valores en la educación primaria	169
<i>Eduardo Álvarez del Palacio</i>	
<hr/>	
Enamoramento e Amor	183
<i>Filomena Velho</i>	
<hr/>	
A policromia e a pintura ilusionista na Praça e Vila de Almeida (séculos XVII a XX)	193
<i>Augusto Moutinho Borges</i>	
<hr/>	
Estratégia das Empresas na Era da Globalização	211
<i>Maria Filomena Ribeiro Ventura Gomes</i>	
<hr/>	
Do autismo à palavra: a importância do “Não”	231
<i>Isabel Maria Morais de Sousa Portugal</i>	
<hr/>	

Nota de Abertura

A revista *ESEG Investigação* nasceu fruto da cooperação de um trabalho longo e amadurecido por um plano de acção sustentado, levado a cabo por uma equipa digna do maior respeito e admiração. Por isso, mais uma vez se apresenta, nesta edição especial 20 anos, dando lugar a uma série de reflexões científicas, subscritas por professores e investigadores de comprovado mérito.

Ao completar 20 anos de existência, a ESEG orgulha-se pelo trabalho desenvolvido, e que nas páginas destes dois volumes, apresentados pela ocasião do seu aniversário, se submete ao rigoroso escrutínio público da comunidade científica e académica, dando à estampa mais uma série de artigos que hão-de, certamente, merecer a aplauso geral.

Paralelamente a esta iniciativa, a ESEG entrou no novo ano lectivo com a certeza de que poderá enfrentar os desafios do processo de Bolonha com todos os recursos de que carece para a sua afirmação como escola de prestígio. A saber: uma revista científica, constituída com repositório da investigação do que melhor nela se produz; uma carteira de protocolos com as mais prestigiadas instituições de ensino superior, tendo em vista a oferta de formação avançada, quer ao nível de pós-graduações, que ao nível de mestrados; um conjunto de parcerias com centros de investigação, que têm por objectivo o desenvolvimento de projectos comuns multitemáticos, em rede com instituições públicas e privadas; contratos

em regime de consórcio com instituições nacionais e internacionais, visando a concretização de projectos pré-seleccionados, e de indiscutível interesse para a sociedade civil...

Por tudo isto e pelo demais, que não se justifica ser relevado neste campo, a ESEG enfrenta o futuro com confiança. Assume o compromisso de, nestas páginas, continuar a oferecer aos investigadores um contributo um espaço à investigação científica, que orgulhe os que nelas colaboram.

Numa época em que só os melhores têm lugar garantido, e só a excelência consegue fazer a diferença, a nossa promessa será sempre a certeza do dever cumprido, e a honra de humildemente caminhar lado a lado com os que apostam em fazer do nosso país um espaço de saberes genuinamente reconhecido.

Joaquim Manuel Fernandes Brigas
Director da ESEG

Querido Leitor

Dirijo-me a si «querido leitor», como fazia António Vieira e mais recentemente Miguel Torga nos últimos livros que publicou. O adjectivo «querido» com intenso e profundo valor semântico adquire ainda maior intensidade quando anteposto ao substantivo. Deixa de ser meramente informativo para se tornar performativo, pois realiza no coração o que significa.

Ao escrever este prefácio, sinto a grande dificuldade inerente a tudo o que começa. Eduardo Theirs na sua «Introdução» às *Novelas Ejemplares* de Miguel de Cervantes conta que estando sentado à mesa de um café chega um amigo que lhe pergunta o que faz. A resposta foi imediata: «Devo fazer uma introdução o que não é nada fácil». E acrescentava que para essa dificuldade contribuía a necessidade de se misturar o necessário com a incitação para que o leitor trabalhe e obtenha o maior prazer por sua conta. Terminava notando que se deve ensinar o oculto para que o leitor investigue por si mesmo.

No entanto esta introdução tem que seguir um outro caminho, pois procura atingir o real, o objectivo, a acção, a própria vida. É sobretudo o momento para uma reflexão aprofundada, partindo do passado para uma perspectiva de futuro

Com essa finalidade vou tentar salientar o valor da revista, logo a sua necessidade. Abordarei depois algumas das maiores exigências, dificuldades e preocupações que provoca uma publicação deste tipo. Afirmo desde já que não olho só para o passado. O que me interessa é o presente, pois, como diz Santo Agostinho, o passado e o futuro só existem enquanto presente.

Valor e necessidade

Qualquer estabelecimento de ensino superior tem necessidade de uma revista que se apresenta como um testemunho, uma oportunidade, uma memória.

Antes de mais é um testemunho do esforço realizado, do trabalho pessoal e colectivo, do interesse sentido, enfim da capacidade e do valor dos que nela escrevem. É por isso que é também uma oportunidade, sobretudo para os mais novos que iniciam o percurso de uma docência que se pretende um serviço e uma realização pessoal. Nem sempre é fácil publicar os resultados da investigação, pois nem sempre as portas se abrem aos mais novos. A revista, sendo da casa, e dirigida por pessoas que se conhecem inspira confiança e ao mesmo tempo motivação. Todos sabem que se trata de um campo aberto para dar a público o que se escreve, na certeza de que as coisas só existem verdadeiramente quando se conhecem.

Sendo testemunho e oportunidade a revista também é memória da vida colectiva e em certa medida da vida de cada um. Quem escreve dá a conhecer os seus conhecimentos, as suas emoções, as suas acções, as suas histórias. Escrever é em certo modo viver à beira da intemporalidade. Por estes motivos uma escola sem revista é uma escola sem memória, pois se não se der a conhecer no presente ficará ignorada no futuro.

A revista é também necessária porque gera várias relações.

Antes de mais é um factor de relação de cada pessoa consigo mesma. Ao olhar a revista cada autor sente um apelo continuado para que caminhe, para que produza, para que crie não de modo isolado, mas em participação. O trabalho em equipa é mais produtivo, embora guardando as diferenças pessoais. Uma sinfonia não exige a uniformidade, mas o fazer bem aquilo que se deve fazer bem. Agindo com os outros cada pessoa aprende a agir consigo mesma.

Ao escrever o autor vai entrar em diálogo com os outros colaboradores da revista e com eles cria novas relações de pensamento e até de convivência e amizade. Há uma profunda inter penetração de saberes diferentes, de novo

analisados e transmitidos e por isso reformulados. E nesta actividade de relações acentuadas reside a descoberta que cada um faz do saber dos outros que acaba também por ser um saborear da vida e do mundo. Foi isto que expressou Ionesco ao ser recebido na Academia Francesa quando disse: « A nossa arte de encontrar o mistério da vida reside no modo de se olhar, de olhar os outros, de olhar o mundo».

No entanto, esta relação vai estabelecer-se não só a entre pessoas, mas também entre as redes culturais, as instituições, as escolas com os mesmos interesses. Um dos maiores benefícios de ter uma revista está na possibilidade de estabelecer trocas com outras revistas, comparando o que se produz com o que se realiza de mais válido e actualizado.

Outra relação muito desejável deve estabelecer-se entre os próprios leitores. Por essa razão existem revistas que publicam as cartas dos leitores onde exprimem os sentimentos provocados pelos autores e as apreciações feitas por outros leitores sejam eles simples, médios ou especificamente preparados. O importante é que o leitor seja activo, desejoso de criar. Nada interessa o que seja negativo e por isso recusámos sempre o «homo lacrimans» detestado por Albert Camus ou a «barbárie interior» condenada por Jean-François Motte. No fundo, para que a revista tenha aceitação deve ser exigente e possuir real valor. Fazer uma revista é um trabalho árduo, constante, a que não deve faltar um grande optimismo e uma imensa confiança em si mesmo e nos outros. As exigências são enormes e as dificuldades permanentes.

Exigências e dificuldades

A primeira característica de uma revista é a sua efemeridade. Está na essência das revistas a sua morte anunciada, por causa da sua temporalidade, da ambiguidade existencial que a determina. A revista não é o tempo que passa inerente ao jornal, nem o tempo que fica que caracteriza o livro. É um tempo

intermédio. Estando entre duas situações acaba por ter um estatuto que não está definido.

Talvez por isso poucas são as revistas que venceram o tempo. Algumas desapareceram mesmo rapidamente, apesar de alguns números terem ficado como marcos de inovação e saber. Damos alguns exemplos mais significativos. Da célebre revista *Orphen*, fundada por Fernando Pessoa, Mário Sá Carneiro e outros em 1915 só saíram três números. Da revista *Centauro* só apareceu um número. Da *Athen* foram publicados cinco números. Já a conhecida revista *Presença* fundada por José Régio e João Gaspar Simões durou mais tempo, pois teve 54 números. Com vida efémera foram publicadas as revistas *Exílio Portugal Futurista*, *Revista Lusitana*, *Revista de Portugal*. Em algumas universidades portuguesas, revistas de várias especialidades como Direito, História, Filosofia acabaram depois de algum tempo de publicação, normalmente por razões políticas, económicas ou mesmo científicas.

A revista *ESEG Investigação*, tem-se mantido sem interrupção, por causa de apoios sem os quais a morte já teria acontecido. Para que tal milagre aconteça há que ter em conta a acção do director da ESEG, dos colaboradores e dos leitores.

A actual revista deve-se ao espírito empreendedor do Director da Escola Superior de Educação, Prof. Joaquim Brigas. Apesar de ter um grande sentido empresarial da escola, não se deixou dominar pelo material. Para o director a matéria é, como a palavra indica, a mãe da acção, mas não a dominadora da acção. Não procurou a mercantilização do conhecimento hoje tão apregoada. Tentou antes valorizar a investigação, estabelecendo uma profunda ligação entre a Escola e a cultura nas suas variadas modalidades. O importante é que a Escola seja produtora de sentido através das suas actividades, e constitua um poderoso meio de fortalecimento das estruturas culturais e científicas. Deste modo vai contribuir para que os académicos sobrevivam entre as ruínas do espírito. No entanto, esta força da direcção não seria produtiva sem a acção dos colaboradores.

O que faz o sucesso de uma revista é o trabalho dos colaboradores que devem dar testemunho de competência resultante de um conjunto de qualidades assinaláveis. Notemos antes de mais a sinceridade e a humildade. Tomo aqui as palavras no seu sentido original, isto é viver sem cera, sem máscaras e por outro lado ser húmus, terra cultivada e produtiva. Escrever é pois ser autêntico e activo, mas é também sujeitar-se a críticas sobretudo dos que nada fazem, ou simplesmente são fracassados. Crítico de cinema é muitas vezes o que nunca fez um filme, como o crítico de literatura é o que nunca foi capaz de escrever um livro. Triste é constatar que há pessoas que nunca publicaram um artigo na revista e não consta que o tenham feito em outras publicações. É por isso que quem escreve deve possuir uma boa dose de confiança e optimismo. Junte-se a tudo isto uma grande insatisfação e criatividade. É evidente que nada de bom poderá acontecer se não houver competência, saber e sobretudo esforço. A inspiração só é rentável quando houver transpiração. Nada se faz sem trabalho, muito trabalho. Denis Rougemont em *L'amour et l'Occident* recorda o dito de Vernet a propósito de um quadro que vendia e o comprador achava caro para o esforço exigido: «Sim, exigiu-me uma hora de trabalho, mas toda a vida para o fazer». Um texto não é só o que aparece visível, mas também o invisível, pois implicitamente surge como o resultado de um esforço continuado, de longos anos de sacrifícios. Notemos ainda que os autores não escrevem para si, mas para o leitor. Por este motivo uma revista só existirá se tiver leitores. E qual é o papel do leitor?

Já atrás chamámos a atenção para a responsabilidade do leitor. Compete ao leitor procurar o dito e o que ficou por dizer, delimitar o espaço, revitalizar as personagens, actualizar os tempos, analisar as ideias, fortalecer a mensagem. Uma vez escrito, o texto já não pertence ao autor, mas ao leitor que ao ler vai criar o seu próprio mundo. Como escrevia Voltaire «os livros mais belos são aqueles cujos leitores fazem a metade». Um outro tema de grande actualidade é a necessidade de as revistas serem altamente especializadas. Para que uma revista tenha real valor e aceitação científica é forçoso que foque temas bem específicos

e intimamente relacionados.. Uma revista que trata de tudo é uma revista que cientificamente não trata de coisa nenhuma. Qualquer artigo nela publicado não terá aceitação no mundo da ciência e da investigação.

Por estas razões é forçoso que haja uma certa homogeneidade de conteúdo e sendo possível, que haja mesmo números temáticos, com uma linha científica condutora. Sem saber específico não é possível valor científico. É bom recordar o célebre número da revista *Communications 8* com o sub-título *Analyse Structurale du Récit* (Paris, Seuil, 1966) e que ainda hoje permanece como uma referência. A causa do seu impacto e da sua vitalidade está na novidade que trouxe então aos estudos literários e linguísticos, sem esquecer a qualidade dos colaboradores que assinaram os respectivos artigos.

O interesse duma revista vem também de outros factores como a capacidade de pôr interrogações, de tentar o novo, de procurar o diferente. Uma revista tem que ser ousada, tem que procurar abrir novos caminhos, com exigência, apesar das dificuldades encontradas. Só pelo diferente é que se aprende, só pelo novo é que se caminha, sem nunca abdicar dos valores transmitidos pelos antepassados. De resto é bom recordar o ditado que diz: que só se caminha tendo um passo atrás e outro à frente.

Ora a revista *ESEG Investigação* deve primar por ter uma atitude de investigação séria, aprofundada. Não se pode alhear do ensino ministrado na Escola e da especificidade dos seus fins culturais e pedagógicos. Ao mesmo tempo deve valorizar os saberes do meio em que se insere, atendendo à cultura radicada num determinado território e vivida por um grupo de pessoas com experiências comuns. Sendo publicada na Beira Alta devemos ter presente que não tem espaço limitado, pois vive «à beira de», isto é, no não espaço, ou como a palavra significa, na utopia. É sempre bom recordar que o verdadeiro regional é o verdadeiro universal.

Os que escrevem são os mais insatisfeitos e sabem que na revista, como nos quadros mais belos, há sempre luzes e sombras, mas também sabem que o ser é

sempre melhor que o não ser.

Ao fazer estas considerações e ao deixar a orientação científica da revista resta-me expressar um agradecimento, formular um voto, anunciar uma certeza.

O meu agradecimento vai para o Prof. Joaquim Brigas, Director da Escola Superior da Educação, pela sua força e determinação, para a Dra Fátima Gonçalves pelo seu saber e disponibilidade, para os colaboradores com o seu esforço e dedicação. A revista é de todos e não é de ninguém.

O meu voto é que cada um se interrogue não sobre o que vai acontecer, mas sobre o que vai fazer pela revista., pois eu acredito que há muita gente capaz de realizar maravilhas. Parafraçando o que escreve Gide a propósito do livro diremos: «Quem se interessa pela revista é por si que se interessá».

A certeza que anuncio é esta. Embora afastado voluntariamente das responsabilidades científicas da revista não deixarei de dar o meu contributo sempre que for oportuno. Deste modo viverei em relação comigo e com os outros, alimentando permanentemente um sentimento de futuro, sabendo que, como diz o Papa Bento XVI, é «pela esperança que somos salvos».

Júlio Pinheiro

Do autismo à palavra: a importância do “Não”

Isabel Maria Morais de Sousa Portugal Vieira

Se pudéssemos sonhar o Caos, se conhecêssemos o Nada, então possuiríamos o saber total e não teríamos o desejo da descoberta. Mas a convicção do pleno domínio da realidade está para lá das fronteiras do humano e, sendo assim, devemos tolerar a frustração de nem tudo sabermos, de nem tudo explicarmos.

Quais seriam as cores do mundo quando estas não eram ditas por alguém? Como saber da criação das flores quando estas não eram descritas por alguém? Da mesma forma, como será viver a experiência do nascer se ninguém disso pode falar?

Mas como as perguntas não nos bastam continuamos a querer perceber o Caos que precedeu o Universo tal como ansiamos conhecer o experimental antes do psíquico que é o mesmo que dizer a vida pré-verbal, ou seja, antes do mental e dos conceitos.

Todos sabemos que antes da palavra já se É; antes de sabermos falar alguém de nós fala, connosco se emociona, encanta-se ou desencanta-se.

Lá no princípio, antes do EU: as sensações; antes das concepções: as pré-concepções; antes da palavra: as outras verbalizações – gritadas, choradas, gemidas ou galreadas. Porém, antes do EU e do OUTRO, a confusão do desconhecer por ausência de não podermos pensar e nomear.

Mas tudo se altera quando algo é sentido na cavidade oral primária, nessa experiência de mamífero lutando pela subsistência. Surge, então, pela primeira vez, a percepção de interior/exterior, do dentro e do fora rompendo, de modo irreversível, a ausência do saber. Começa a desenhar-se a relação humanizante, prefigura-se a diferenciação do EU, gera-se a vida conceptual e mental. Essa distância que vai do interior ao exterior, a diferença entre a experiência de fome e a de saciedade, essa actividade natural e fundamental vai, indelevelmente,

associar-se à vida psíquica naquilo que nela há de mais complexo: a formação de conceitos e o poder da Palavra.

Tudo vai passar-se a nível sensorial e motor, por um lado, e a nível da relação/comunicação por outro. Se podemos dizer que é da **necessidade** fisiológica (ou pré-concepção, no dizer de Bion) que passamos ao **conceito** então, o conceito de «seio» far-se-á no confronto da fome, do reflexo de orientação oral, do reflexo de sucção e da apreensão do estímulo pelos lábios com a realidade «seio». Como se vê, a experiência de mamar que é também, e de forma relevante, a experiência de ser amamentado, está na génese do conceito de «seio» – num primeiro momento – e no do conceito de «mãe», posteriormente.

Para lá do sensorial, esta experiência é, pela via afectiva da relação/comunicação, psíquica e subjectiva. O mundo caótico do bebé vai começar a ceder perante esses tempos relacionais transformados em emoções pelo esforço de fantasia da mãe. E nestes momentos, a capacidade materna para sonhar e fantasiar as sensações do seu bebé são a porta que se abre à vida psicológica desse pequeno e dependente ser. A mãe boa - porque está e sacia - alterna com a mãe má - porque não está - mostrando a ainda débil conceptualização do bebé. Mas depressa ele sentirá a sua mãe como uma só e, nesse momento, a concepção de Mãe sucederá à de seio e a essas, muitas outras sucederão.

Não esqueçamos, porém, que só há pensamento onde existir distância, onde houver ausência e diferença já que de contrário, não havendo desejos e falhas não haverá razão para pensar. Afinal, é pela **diferenciação** que se alcança a **concepção** e nisso está implícito que também é na diferença que se estabelece o EU e o Não-EU.

Duas vidas mentais distintas são necessárias ao desenvolvimento psíquico em geral e à aquisição e desenvolvimento da fala, em particular. A ausência de diferenciação significaria inibição do pensar pois aquele que já pensa (a mãe, p. ex.,) poderia continuar pensando pelo outro que, entretanto, ignoraria ser precisamente um Outro distinto e autónomo, com necessidades próprias. Em

conclusão, perpetuar-se-ia o autismo primário.

Felizmente, faz parte do arcaboço inato do ser humano, a possibilidade da expressão motora da oposição ou se quisermos, da recusa e da negação: o ser humano está apetrechado com movimentos cefalogíricos negativos que são desencadeados na circunstância (descrita por Spitz) de não querer continuar a ser amamentado. O bebé expressaria essa intenção rodando a cabeça evitando a continuidade do contacto boca /seio. Esse movimento não sendo intencional no sentido de possuir logo um valor semântico de Não é, mesmo assim, suficiente para sustentar a acção e, portanto, serve a sua finalidade. Para Spitz esse gesto nunca é observado em bebés quando estes estão sós o que evidencia a sua potencialidade comunicacional. Aponta o 1º trimestre do 2º ano de vida para a sua realização intencional e com valor semântico de negação o que coincide, exactamente, com uma maior diferenciação e autonomia do bebé em relação à mãe e aos outros. Este movimento de negação repetido, convenientemente, a partir dessa época, corresponde a um sentimento de oposição só possível porque o bebé pode pensar ou seja, distinguir a sua posição da mãe e das dos outros. Este bebé abandonou, naturalmente a fase de simbiose inicial em relação à sua mãe o que significa que tendo saído do autismo primário está apto a desenvolver estruturas mentais cada vez mais complexas e, portanto, desenvolverá normalmente a lógica e a linguagem.

Do gesto NÃO à palavra NÃO dá-se um salto temporal e relacional que vai mais ou menos dos 15 meses aos 3 anos precisamente o período que, entre outras coisas, permite à criança a formação do seu EU e a génese da sua identidade sexual o que, do ponto de vista psíquico, são os condimentos necessários à estruturação da sua expressão verbal. Também agora a criança desenvolve a fala pelo confronto, pela vontade de se opor e não conseguirá fazê-lo correctamente se os adultos continuarem a desejar por ela ou a realizar-lhe todos os seus desejos. A frustração e a capacidade para a tolerarmos continuam a ser um condicionante favorável a esse processo.

A partir desse momento, onde estiver um objecto haverá um nome, onde não estiver um nome poderá haver uma pergunta; o mundo psíquico está estruturado, a relação humana faz-se sem temer a perda da identidade e sem recorrer à inibição do pensar e, contrariamente ao autista, é o gosto pelo pensar, o prazer da novidade e da expressão verbal – cada vez mais autónoma e criativa – que caracterizam as crianças felizes.

Se um dia se cruzarem com um autista não esqueçam que ele representa a incapacidade para dizer NÃO! Dele, nunca foi o prazer de contrariar, de afirmar-se distinto e, talvez porque isso lhe acarrete um medo que tão pouco sabe nomear, o seu mundo seja caótico e sem desejo de se organizar.

Leituras de referência

BION, W. R. (1966). *Aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Zahar Editores

SPITZ, R. (1978). *O não e o sim. A génese da comunicação humana*. Rio de Janeiro: Martins Fontes Editora, Lda.